

JEAN-JACQUES GLASSNER, *Chroniques mésopotamiennes*, Les Belles Lettres, Paris, 1993, 304 pp.

O Autor, investigador do CNRS e assiriólogo, traduz aqui e apresenta cinquenta e dois textos historiográficos da Mesopotâmia, que vão desde o séc. XXI até ao séc. II a. C. Estes documentos reflectem, de algum modo, o que aconteceu na Mesopotâmia desde as míticas épocas antigas até ao domínio dos Selêucidas, que teve ainda muito de especificamente mesopotâmico nos seus conteúdos locais. Reinados, reinos e civilizações desfilam com o seu cortejo de guerras e tumultos no pano de fundo destas crónicas. Aqui se espelha ainda o cerne do pensamento social e político da Mesopotâmia, maiormente assente sobre a instituição real.

A primeira parte da obra, um único capítulo, leva como título sugestivo «O futuro do passado» e pretende apresentar a perspectiva mesopotâmica para justificar este interesse pelo passado e pela sua história. E este interesse é definido com relação aos vários géneros literários de historiografia praticados na Mesopotâmia.

A segunda parte, destinada à apresentação das obras, começa por um capítulo de definição, em que se distinguem «listas» e «crónicas», se discutem critérios tradicionais e outros novos de classificação e, com base em alguns excertos, se trata do teor historiográfico do conjunto. Relativamente aos conteúdos (cap. III, pp. 69-111) destaca-se um longo comentário sobre o que se chama a «crónica da monarquia una», tradicionalmente designada «Lista dos Reis Sumérios» com uma sugestiva leitura sinusoidal que encadeia singularmente a sucessão dinástica. A crónica real assíria denota o carácter dual da sua realidade cultural de base, amorreia e sumero-acádica. As crónicas neobabilónicas marcam, uma nova atitude historiográfica caracterizada por um maior domínio da cronologia, uma predilecção pelo passado próximo ou pelo mundo seu contemporâneo, a vontade de se cingir ao relato dos factos e à constituição de séries homogéneas. Quanto à historiografia sobre as épocas antigas, que voltou a atrair as atenções, a cronologia é aproximativa, os tópicos temáticos coincidem com os do passado recente (guerras, subidas ao trono, morte dos reis com as perturbações sucedâneas, interrupção e alteração dos cultos) e a necessidade de dar explicação para os acontecimentos mais marcantes. Isto traduz «uma grande preocupação de inteligibilidade que se afirma através da narração» (p. 107). A última cronografia assíria acentua o «nacionalismo» assírio, contra o ascendente político-cultural da Babilónia.

A génese da historiografia documentada é localizada na corte de Utu-Hegal de Uruk, nos finais do III milénio, à raiz da III dinastia de Ur. A análise da diacronia historiográfica posterior à intervenção vitoriosa de Utu-Hegal ofereceu nova oportunidade de considerar a grande movimentação historiográfica que se processou em torno ao aparecimento da «crónica da dinastia una».

A terceira parte do livro são os documentos propriamente ditos: cinquenta e dois textos historiográficos organizados segundo certos critérios de lugar, tempo e relacionamentos historiográficos. As crónicas reais convergem para a «crónica da monarquia una» e são consideradas como sua continuação ou reflexo. Este conjunto historiográfico representa o final do III milénio e os inícios do II. Depois da crónica local do templo de Tummal, vêm as crónicas assírias, as epónimas e as reais, a crónica sincrónica e as crónicas reais, representando a segunda metade de II milénio. Representando teórica e materialmente o I milénio, vêm os vinte documentos que representam a cronografia coeva das épocas neobabilónica, persa e selúcida. Novas crónicas babilónicas sobre os reis de antanho vêm na secção final, por serem cópias recentes de textos que podem ser em parte mais antigos. Cinco documentos finais são apresentados como hipotéticos, por deixarem algumas dúvidas quanto à classificação no género das cronografias.

As introduções tinham já antecipado comentários a vários aspectos destes documentos. Mas ali foram tratadas dimensões mais estruturais. O conteúdo material histórico destes documentos ficaria, sem dúvida, bastante mais aproveitável com comentários concretos aos dados de cada um deles. As notas a esta parte quase só dão variantes textuais. Nas crónicas epónimas assírias, aqui definidas como «uma ajuda preciosa para reconstituir este passado longínquo da humanidade» (p. 12), haveria que explicitar tudo o que levam de implícito e referem apenas rotul arm ente.

José Augusto Ramos

JEAN BOTTERO, *L'Épopée de Gilgameà. Le grand homme qui ne voulait pas mourir*, Gallimard, Paris, 1992, 295 pp. ISBN 2-07-0722583-9.

Jean Bottéro oferece-nos aqui a epopeia de Gilgameè numa tradução francesa destinada ao grande público e não directamente aos especialistas da cultura mesopotâmica. Daí o modo acessível e as ajudas